

# *Falares da Planície Goitacá no ciberespaço: documentando o linguajar proveniente da Baixada Campista*

*Speeches of the Planície Goitacá on cyberspace: documenting the language originally from the Baixada Campista*

Carlos Fabiano de Souza\*

A Baixada Goitacá, ou mesmo Baixada Campista, é uma região conhecida por possuir um curioso universo linguístico, por vezes negligenciado pelos falantes das novas gerações. Pode-se dizer que, com o crescimento da região Norte Fluminense, muitos dos vocábulos e expressões utilizados tempos atrás parecem ter caído em desuso. Dessa maneira, o presente trabalho busca investigar a página de fãs do Facebook, *Campista Cabrunco*, por acreditar ser esse um espaço virtual propício ao resgate e à documentação de expressões linguísticas tipicamente encontradas na Planície Goitacá — uma forma de manter viva e passar adiante a memória linguística de gerações passadas através do ciberespaço.

Palavras-chave: Memória linguística. Preconceito linguístico. Identidade cultural. Ciberespaço.

*The Baixada Goitacá, or Baixada Campista, is a region known for having an interesting linguistic universe, at times neglected by speakers of the new generations. It can be said that due to the growth of the Norte-Fluminense region many words and expressions used long ago seem to have fallen in disuse. This current work aims at investigating the Facebook fanpage, Campista Cabrunco, regarded as a virtual space that allows rescuing and documenting the linguistic expressions typically found in the Planície Goitacá, thus maintaining alive and passing on the linguistic memory of past generations through cyberspace.*

Keywords: Linguistic memory. Linguistic prejudice. Cultural identity. Cyberspace.

## *1 Considerações preliminares*

[...]

*Sou dos Campos dos Goytacazes.  
Por isso quero beira de rio — Paraíba,  
e vento nordeste  
assanhando a cabeleira  
dos canaviais.*

*Confidência  
Amélia Alves*

<sup>1</sup> Licenciado em Letras (Universo, Campos dos Goytacazes/RJ), especialista em Metodologia do Ensino de Língua Inglesa (Faculdade de Tecnologia e Ciências - FTC, Salvador/BA). Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense (*campus* Cabo Frio) e da Rede Municipal Pública de Ensino de Macaé/RJ. E-mail: carlosfabiano.teacher@gmail.com

Pode-se dizer que o crescimento da região Norte Fluminense e o aumento da população atuam como fatores importantes no que se refere ao “apagamento” quanto ao uso de certas palavras e expressões tão comuns na fala corriqueira dos habitantes dessa região tempos atrás. Esses falares — ou o linguajar *campistês*<sup>1</sup> — podem causar estranheza a quem chega à Terra Goitacá e se depara com a peculiaridade no uso de determinados termos que evidenciam um jeito próprio de se expressar. Se por um lado ocorrências como *enxugador*, *engomador* e *diadema* (verbetes que podem ser encontrados no livro “Muata Calombo”, de 2004, do professor e pesquisador Orávio de Campos, que traz uma lista com 396 expressões tipicamente campistas) podem ainda fazer parte do universo linguístico de uso habitual de falantes da Baixada Campista, por outro lado não é comum a ocorrência desses vocábulos entre falantes na região central da cidade. Como bem afirma a professora Arlete Sendra em entrevista ao jornal *Folha da Manhã* em 2007, “essas palavras resistiram e resistem a vários acontecimentos acarretados pelo desenvolvimento sociocultural e permanecem muito presentes, principalmente no linguajar da baixada campista.” No que se refere à região central, em contrapartida, o trânsito constante de pessoas de outras regiões tende a atuar como um fator crucial de interferência na forma como a linguagem é usada, pois “os grupos que vivem em contato estreito podem participar de mudanças linguísticas rápidas que levam à crescente diversidade” (LABOV, 2008, p. 173).

Fato é que a evolução da linguagem humana está intimamente ligada à evolução da humanidade. Podemos, assim, afirmar que, ao passo que a humanidade evolui, também evolui a linguagem por ela utilizada. “As línguas mudam todos os dias” (CALVET, 2002, p. 89). No entanto, faz-se necessário refletir continuamente acerca da relevância quanto a se manter viva a memória linguística de uma comunidade de falantes, o que requer, sobretudo, buscar maneiras de se preservar a identidade e a cultura de um povo.

Podemos afirmar que as redes sociais têm tornado possíveis diversas interações comunicativas entre indivíduos da Geração Digital. Nesse aspecto, evidenciamos o fato de que a Web 2.0, a qual permite uma maior facilidade de criação de conteúdos *on-line* e a partilha destes, tem concedido aos usuários conectados em rede grande autonomia no que tange à distribuição e ao recebimento de materiais no ciberespaço: uma forma de interação e socialização múltipla entre pares diversos que resulta na divulgação e compartilhamento de dados informativos em grande escala, cotidianamente.

Dessa maneira, podemos destacar o papel desempenhado pela Grande Rede no que concerne à documentação e replicação de dados, passando assim a engendrar novos modos de recuperar e conservar informações. Nessa perspectiva, o objeto de estudo deste trabalho é a página de fãs, *Campista Cabrunco*, evidenciada como um lócus de construção compartilhada da memória linguística coletiva do povo campista. Os internautas têm a oportunidade de alimentar a página com palavras e expressões tipicamente provenientes

<sup>1</sup> No que se refere às peculiaridades do *campistês*, é válido ressaltar que tais particularidades linguísticas ganharam destaque no conhecido romance de José Cândido de Carvalho — “O Coronel e o Lobisomem”. Ao lançamento do livro em 1964 seguiram-se elogios feitos por renomados escritores acerca da maneira pela qual a língua foi empregada na referida obra. A história, cujo enredo é desenrolado na região norte fluminense, é tecida por falares da região com traços tipicamente campistas.

do universo linguístico de nossa cidade. Para alguns, a oportunidade de rememorar vocábulos ouvidos outrora em ambiente familiar, lembranças de falares empregados comumente por parentes mais velhos em conversações diárias. Entretanto, para outros, a chance de desvendar um novo mundo, a oportunidade de conhecer a história linguística de seu povo, de sua própria região.

As postagens dos usuários, enquanto vozes em ambiente virtual, serão analisadas sob um viés discursivo que delimita as opiniões expressas, revela os traços ideológicos e as crenças de indivíduos que cooperam para a solidificação de uma rede de relacionamentos na qual é possível focalizar aspectos linguísticos do passado, envolvendo participantes de diferentes gerações em contato *on-line*. É possível dizer que a página foi criada com o intuito de atuar como “guardiã” da memória linguística do povo de Campos. Observemos o trecho seguinte:

Antes do nascimento da página, me pegava pensando “ninguém mais fala as gírias da cidade. As gerações estão abolindo nossa cultura.”, e hoje me sinto feliz (sim!) quando vejo alguém na rua chamando o outro, de brincadeira, de “cabrunco!”, “seu lamparão!”, “tisgo ruim!”! Isso tudo é história, a nossa história. Falar dessa forma não é sinônimo de burrice. Nada mais é que preservar a linguística local. Tudo podem nos tirar, menos a nossa identidade. Uma cidade sem memória é uma cidade sem história!<sup>2</sup>

A partir da análise do trecho acima, verifica-se que o moderador da página tem consciência do papel desempenhado pelo espaço virtual criado por ele no que se refere à preservação da memória linguística de nossa cidade. Pois, como bem salienta Von Simson (2000), “o ato de reconstruir a memória de forma compartilhada é um trabalho que constrói sólidas pontes de relacionamento entre os indivíduos — porque alicerçadas numa bagagem cultural comum.” Os usuários se reconhecem nas postagens como sendo filhos da mesma origem, compartilhando vocábulos que aprenderam de seus antepassados, dialogando com as raízes de seu povo e dando significado à identidade cultural que lhes é comum.

O *corpus* de investigação deste trabalho é constituído por postagens de internautas publicadas na página *Campista Cabrunco*. O tratamento e a análise dos dados serão feitos levando-se em consideração o papel do ciberespaço como um lócus de documentação de dados informativos no qual as mensagens alimentadas podem ser realimentadas e recuperadas mais facilmente do que em qualquer outra forma convencional de arquivamento fora do ambiente virtual. Por fim, seguem-se explicitações quanto à relevância da memória linguística enquanto modo de resgatar e preservar a identidade cultural de uma comunidade de falantes.

<sup>2</sup> Trecho postado pelo moderador no campo de postagem de texto da *fanpage Campista Cabrunco* no dia 28/01/2013; aspas do autor.

## 2 A Baixada Campista e seu universo linguístico

O município de Campos dos Goytacazes abrange uma área total de 4.031,910 km<sup>2</sup>, com uma população de aproximadamente 500 mil habitantes. A cidade, conhecida como a capital nacional do petróleo e do açúcar, é a maior do Estado do Rio de Janeiro, tendo sido fundada com o nome de Vila de São Salvador, em 28 de março de 1677. Em 28 de março de 1855, foi elevada à categoria de cidade recebendo o nome atual.

A Baixada Goitacá (fig. 1), também conhecida como Baixada Campista ou Baixada da Égua, possui cinco distritos, a saber: Goitacazes, São Sebastião, Mussurepe, Tocos e Santo Amaro, começando em Goitacazes e terminando na praia do Farol de São Tomé, mais especificamente em Barra do Furado, que delimita o município de Campos com o de Quissamã.

É sabido que a Baixada é uma região que tem uma grande importância histórico-cultural para o município, visto que nessa área começou a colonização da planície. Dessa maneira, conhecer a história da Baixada é conhecer a própria história de Campos.



**Figura 1 - Baixada Goitacá**

Fonte: BARCELOS (1992, p. 6)

De acordo com o professor Álvaro Barcelos (1992, p. 16), “a linguagem da Baixada Goitacá chama a atenção do observador pela sua grande criatividade.” O linguajar é proveniente de um universo linguístico rico cujas expressões próprias mostram a importância de Campos na cultura brasileira, pois, sendo parte de um país com grande extensão territorial, é natural que existam variações na linguagem se contrastarmos as formas de uso da linguagem daqui com as de outras regiões brasileiras mais distantes. Segundo o professor,

[...] muitos são os recursos utilizados pelo povo dessa região para criar palavras novas, recursos dentro das possibilidades do sistema linguístico, como, principalmente, a derivação prefixal, sufixal, parassintética e regressiva, a composição por justaposição e aglutinação, a onomatopeia. Fatos fonéticos (assimilação, dissimilação, metátese, prótese, aférese, etc.) contribuem para o aparecimento de formas variantes, que enriquecem o curioso universo linguístico da região (BARCELOS, loc. cit.).

Nesse aspecto, após analisar as explicitações do professor Álvaro Barcelos, percebemos o quão relevante torna-se o fato de preservarmos a cultura linguística de nossa região na medida em que a língua utilizada por uma comunidade de fala diz muito acerca da habilidade comunicativa presente no modo de se expressar, da história e da identidade desse povo.

### ***3 Ciberespaço: locus de documentação e recuperação de dados***

A Grande Rede tem se tornado ao longo dos anos, por larga margem, uma fonte inesgotável de pesquisa de informação. Na medida em que há uma considerável facilidade para se armazenar dados informativos e recuperá-los por meio dos *sites* de busca, a praticidade e a velocidade de acesso à Internet têm cooperado para a popularização desse poderoso meio de documentação e arquivamento informacional.

Neste trabalho, tomamos o termo ciberespaço para nos referirmos à página de fãs *Campista Cabrunco*, disponível para acesso de seguidores na rede social *Facebook*. Conforme nos aponta Lévy (1999, p. 17), “o termo [ciberespaço] especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo”. Dessa maneira, interessamos, sobretudo, os usuários que fazem parte dessa comunidade virtual, postando comentários acerca do vocabulário tipicamente campista, alimentando a página com informações que retratam as características do povo de nossa região,

com sua cultura e crenças evidenciadas pelo modo de utilizar a linguagem.

Acreditamos, assim, ser a página em questão um locus privilegiado de documentação e recuperação de aspectos linguísticos relevantes para o resgate e a solidificação da herança cultural do povo da Baixada Goitacá.

#### ***4 Memória linguística: resgate e preservação da identidade cultural***

Sabemos que uma das principais formas de resgate da herança cultural de um povo é feita mediante consulta a instituições especialmente voltadas ao trabalho de coleta, seleção, organização, guarda, manutenção adequada e divulgação da memória de grupos sociais ou da sociedade em geral. No entanto, esse trabalho parece não ser tão prático e rápido quando se leva em consideração a dinâmica dos dias atuais, em que estamos acostumados à grande velocidade de processamento de dados que a vida imersa em ambiente virtual nos permite.

Segundo Von Simson (2003, p. 17), a memória pode ser individual (porque se refere a experiências únicas vivenciadas em nível do indivíduo), mas também coletiva (pois se baseia na cultura de um agrupamento social e em códigos que são aprendidos nos processos de socialização que se dão no âmago da sociedade). Para este trabalho, é de nosso interesse o conceito de *memória linguística coletiva*. Utilizamos essa expressão para denotar o ato de reconstruir a memória linguística de uma dada comunidade de fala de forma compartilhada.

O pesquisador Paulo de Almeida Ourives, em sua postagem no *blog* “Reminiscências Culturais dos Aceiros de Cana da Baixada Campista,” mostra-nos que em um trabalho de pesquisa desenvolvido por um grupo de estudos do qual ele fez parte, buscando entre outras coisas documentar o linguajar usado pelos falantes da Baixada Campista, verificou-se que “a cultura televisiva fez com que o homem da baixada apagasse seus traços culturais diante das novidades e dos novos jargões e bordões pronunciados pelos radialistas e pelos programas de televisão”.

No entanto, foi possível, através de livros, conseguir raros fragmentos de como pronunciar esta ou aquela palavra. Mesmo tendo desenvolvido a maior parte da pesquisa por meio de material impresso, alguns termos puderam ser percebidos pelos pesquisadores de acordo com todas as informações que eles tinham sobre palavras ou expressões que até hoje são ditas e pronunciadas pelo campista em alguns bairros da cidade.

Acreditamos que, através de comunidades virtuais em redes sociais, podemos criar documentos hipertextuais que engendrem novas maneiras de armazenar, recuperar e conservar a memória linguística de uma dada comunidade de fala. Assim, tem-se uma fonte rica de documentação histórico-cultural que nos permite por meio da linguagem identificar traços identitários de um povo, pois, como bem salienta Crystal (2005, p.

68), “encapsuladas em uma língua estão a maior parte da história de uma comunidade e muito de sua identidade cultural”.

A página de fãs *Campista Cabrunco*, enquanto comunidade virtual, através das postagens dos seguidores, oferece, para debate coletivo, um campo de prática mais aberto, mais participativo, mais distribuído na medida em que “a total liberdade de palavra é encorajada e os internautas são, como um todo, opostos a qualquer forma de censura” (LÉVY, 1999, p. 131). Cabe ao moderador zelar pelo andamento das interações comunicativas na página mediante postagens que convoquem os membros a participar das trocas de mensagens.

Segundo Souza (2013), nas redes sociais há duas maneiras distintas, embora bastante comuns, de manter a interação entre os usuários que navegam no ciberespaço. Estas se apresentam sob a forma dos botões *like* (“curtir”) e *share* (“compartilhar”). Esses botões permitem aprovar e fazer o compartilhamento de conteúdo entre os participantes de interações virtuais na Internet, respectivamente. Embora sejam práticas bastante comuns entre os nativos digitais, ainda há dúvidas quanto à diferença existente entre essas ferramentas. Ao utilizar o “curtir”, o usuário publicará em seu mural apenas informando que gostou de um determinado conteúdo ou quaisquer outras informações disponíveis na Web. O “curtir” remete a *status*.

Por outro lado, o “compartilhar” permite ao usuário enviar conteúdo para outros usuários. Tal ferramenta é bastante seletiva, podendo ser usada para compartilhar conteúdos com todos os amigos virtuais, publicar no mural de um seletivo grupo de amigos ou ainda enviar material por e-mail. Ressalta-se que ao fazermos uso dessa ferramenta, seja a partir de um botão no *site* de origem ou dentro do próprio *Facebook*, o ambiente virtual oferece um espaço para adicionar algum comentário pessoal.

É por meio dessas ferramentas que as postagens na página *Campista Cabrunco* podem ser realimentadas, recuperadas e replicadas de modo que a preservação do conteúdo publicado ocorra significativamente. Como este se refere, entre outras coisas, ao universo linguístico da Baixada Campista, tem-se a preservação da memória linguística e cultural de nossa cidade, corroborando o que diz Crystal (op. cit., p. 69) quando afirma que “o mundo é um mosaico de pontos de vista. Aprendemos muito com os pontos de vista dos outros, e perder nem que seja um pedaço desse mosaico é uma perda para todos nós”.

## ***5 Analisando os dados***

Definir um caminho metodológico leva-nos, sobretudo, a uma melhor interpretação dos dados da realidade a ser investigada. Nessa perspectiva, para empreender nossas análises, selecionamos algumas postagens que foram publicadas na página *Campista Cabrunco* de agosto a dezembro de 2012. É importante ressaltar que a *fanpage* foi criada no dia 27 de agosto do referido ano e desde então a página já recebeu mais de 18 mil curtidas.

As postagens dos internautas serão analisadas enquanto fragmentos textuais tomados sob a forma de enunciados que representam vozes do mundo real proferidas em ambiente virtual. Como nos adverte Antunes (2009),

[...] a voz de cada um de nós é, na verdade, *um coro de vozes*. [...] Vozes que pressupõem papéis sociais de quem as emite; que expressam visões, concepções, crenças, verdades e ideologias. Vozes, portanto, que, partindo das pessoas em interação, significam expressão de suas visões de mundo e, ao mesmo tempo, criação dessas mesmas visões (grifo do autor; ANTUNES, op. cit., p. 23).

Dessa maneira, a partir da seleção dos enunciados, utilizaremos alguns critérios de identificação com o intuito de facilitar o trabalho. Assim, tem-se que **M** representa qualquer postagem publicada pelo próprio moderador da página. Caso essa letra venha seguida por um número, temos, então, diferentes postagens feitas pelo moderador em questão. Por outro lado, **I** representa postagens dos internautas que visitam a *fanpage*, sendo que os números colocados à frente indicam publicações feitas por diferentes usuários. Além disso, cabe-nos salientar que os enunciados serão transcritos na íntegra, sem que correções quanto ao uso da norma culta sejam feitas, pois o objetivo de uma transcrição é transpor o discurso do modo mais fiel possível. Como bem pontua Paiva (2012, p. 134),

[...]a tarefa de transcrição não tem, no entanto, nada de trivial, pois requer, além de um considerável dispêndio de tempo, uma série de decisões importantes por parte do pesquisador. Antes de mais nada, é necessário ressaltar que a qualquer transcrição de dados linguísticos subjaz, mesmo que não explicitada, uma teoria que norteia muitas das decisões a serem tomadas durante o processo. De certa forma, podemos afirmar que a transcrição pressupõe uma pré-análise dos dados, na medida em que nosso posicionamento teórico preestabelece, muitas vezes, a própria unidade de análise a ser considerada.

### 5.1 Identificação e adoção

Quando um usuário faz uso do botão “curtir”, ele, primeiramente, observa o conteúdo em análise, interpreta-o/compreende-o e, então, pode vir a estabelecer seus próprios motivos e razões para transmitir tal informação.

A *fanpage Campista Cabrunco* conta, como já mencionado, com mais de 18 mil curtidas. Este fato leva-nos a inferir que todas essas pessoas visitaram a página e se identificaram de alguma maneira com o conteúdo abordado nas publicações. Percebe-se que, quando o usuário adota uma ideia, não basta apenas “curtir”, assim, segue-se um segundo estágio — o compartilhamento. A decisão de passar adiante as informações é bastante particular e motivada muitas vezes pelo interesse de que outros colegas tenham

acesso à página e achem o material também interessante, ou mesmo por uma adesão à filosofia da comunidade virtual como um todo. Quanto mais compartilhamentos, mais destaque a página ganha nas redes sociais.

É necessário destacar que optamos por apresentar os enunciados antes de cada análise para facilitar a leitura e a compreensão da proposta. Observemos os exemplos que seguem:

**(M1)** "Cabrucada!!!! Hoje é um dia especial... consegui reunir 10 mil cabruncos na nossa pequena oca virtual! Valeu mesmo pela participação de todos vocês, seus tiscos runhos de uma figa! \0/ \0/ \0/ #PILORDA, SÔ!!!"

**(M2)** "Boa noite, estrupicinhos rrsrsrsrsrsr Aí de repente eu me pego dando uma olhada na página, e constato o crescimento dessa nossa oca virtual... em 2 meses, somos mais de 10.200 cabruncos impistiados, já são quase 300 fotos publicadas, milhares de compartilhamentos, e o melhor: a interação da cabrucada com o "Titio Cabrunco". Como é legal ver campista falando coisa de campista. Por muitos anos vi pessoas se envergonhando da cidade, da cultura, dos costumes, das gírias... e hoje vejo que ser CAMPISTA tá na moda!!! É NOIX, CABRUNCADA! #Ô NANAU!!!"

**(I1)** "Hahahaha, parabéns cabrunca 10 mil curtidas!! :D tá liderando o topo campista!"

**(I2)** "Vem cá: brunco inteligente é você, hein? E eu nem sei quem é. (Ou é segredo ou ando desinformado... ponto pra segunda opção). Parabéns pelo humor que diverte sem ser mala nem ofensivo."

**(I3)** "Rrsrsrsr, me divertindo por aqui... sou filha de campistas, e o vocabulário é assim mesmo... Amei a página."

**(I4)** Boa noite cabrucada bonita! :) :-\*

**(I5)** "Uhahahahahahahahahahaha Alegrei minha tarde com você Campista Cabrunco!!!! Muito bom..."

**(I6)** "E aí tisco qual é a boa de hj?"

Em (M1) o enunciado representa, em alguma medida, um discurso de agradecimento por parte do moderador pela repercussão das publicações. Uma página disposta em redes sociais não alcança mais de 10 mil curtidas se o conteúdo desta for desinteressante e não significativo para um grupo considerável de seguidores. Em (M2), o enunciador se mostra de certa forma orgulhoso pelo alcance da página e, em especial, pelo papel desempenhado por ela — de permitir que aspectos culturais da cidade sejam divulgados em ambiente virtual. Os enunciados (I1), (I2) e (I3) visam a ratificar a aceitação da página junto ao público e evidenciar o fator de interação proporcionado pela comunidade virtual. Em (I4), (I5) e (I6), percebemos claramente que o internauta se sente íntimo da comunidade; um vínculo foi criado o que, de certa forma, possibilita uma maior interatividade entre os usuários, visto que “para seus participantes, os outros membros das comunidades virtuais são o mais humanos possível, pois seu estilo de escrita, suas zonas de competências, suas eventuais tomadas de posição obviamente

deixam transparecer suas personalidades” (LÉVY, op. cit., p.131). É a partir da identificação e da adoção de uma ideia que o usuário opta pelo compartilhamento.

## 5.2 Abordagem histórico-cultural

Ao navegar pela *fanpage*, percebemos que o tom bem-humorado, a maneira descontraída de estreitar o diálogo com os internautas que cotidianamente acessam a página, bem como a criatividade na apresentação da maioria das postagens atuam como pontos positivos para atrair e conquistar o público. No que se refere ao resgate das raízes socioculturais de nossa cidade, evidenciamos que muitas das informações transmitidas contribuem para a construção do conhecimento sobre a história da planície Goitacá e de seu povo. Vejamos:

**(M3)** Lamparões, estou bastante feliz com a repercussão que a página está tendo! Volto a lembrar aqui que a minha intenção é exclusivamente trazer um pouco de humor para a vida de cada um que mora e admira Campos, lembrando marcos de nossa cidade, lendas vivas que caminham pelas ruas, os trejeitos, o vocabulário único... quem nunca passou por alguma situação citada aqui? De forma alguma pretendo denegrir, depreciar ou diminuir a imagem de quem quer que seja, nem incitar conflitos entre municípios. Qualquer sugestão, enviar por mensagem. Será muito bem vinda! Obrigada... e vamos rir, simininos!

**(M4)** Curiosidade do Cabrunco: Significado de GUARUS A origem da palavra “Guarus” vem do nome indígena “Guarulhos”. Significa “índio barrigudo” ou “peixe barrigudo”. Em 1890 a localidade de Guarus foi chamada de freguesia de Santo Antônio de Guarulhos, e compreendia toda a área localizada entre a margem esquerda do Rio Paraíba do município de Campos dos Goytacazes. Com a criação de novos distritos, foi ficando reduzido o seu território. Sendo assim, Guarus foi oficialmente anexado a Campos em 1967. Em função de coincidir com o nome da cidade paulista e atendendo a reivindicações populares, a mudança do nome de Guarulhos para Guarus, se deu por decisão da Câmara Municipal de Campos dos Goytacazes pelo decreto-lei estadual n.º 1056, de 31-12-1943. #cabruncohistoriador

**(M5)** Cabruncada, vocês tem alguma curiosidade sobre algo específico da nossa tribo Goitacá? Tendo, é só perguntar que Titio Cabrunco vai procurar saber!!! Já pesquisei sobre a bandeira, sobre o IPS, sobre Guarus (cabruncada barrigudinha hehehehehe)... aceito sugestões para mais pesquisas! #cabruncometidoahistoriador

**(I7)** Me explica que cabrunco de carapuça vermelha de saci é essa na bandeira de campos.

Em (M3) observa-se mais uma vez a satisfação do moderador pelo status de aceitação que a *fanpage* tem alcançado e por esta ser um espaço que permite divulgar informações culturais da cidade. Além disso, podemos notar que há uma preocupação quanto a evitar que a página se torne um lugar de “batalha”, um ambiente de conflitos criado pela troca de mensagens que visem a denegrir a imagem do povo da cidade.

Sabemos que quando se trata de abordagens ligadas a aspectos culturais de determinadas regiões é bastante comum nos defrontarmos com o preconceito. O modo de falar, os trejeitos, as crenças são traços estigmatizados que funcionam como fontes de discriminação, criando debates que não cooperam para a construção de uma consciência crítico-reflexiva sobre a identidade de um povo.

Podemos também notar que o enunciado convida à participação. Desse modo, os internautas que navegam na comunidade sentem-se à vontade para participar, fazendo postagens ou dando sugestões. Em (M4) e (M5), os enunciados mostram que a *fanpage* cumpre o seu papel de divulgar informações relevantes sobre a história da cidade, complementada pela interação em (I7), na qual o usuário se mostra interessado em saber mais, estreitando ainda mais o diálogo com a proposta da comunidade.

Ainda quanto ao enunciado (M5), verifica-se que o moderador está sempre disposto a contribuir, convocando a participação do público que acessa a página, mostrando-se interessado em publicar informações que vão ao encontro da curiosidade dos membros.

### 5.3 O universo linguístico da planície

*A “língua velha”, anteriormente um motivo de vergonha, passa a ser vista como fonte de identidade e orgulho. Mas nesse momento, sem nenhuma medida de preservação, é tarde demais. Se a língua desapareceu, sem registro e sem memória, não há como trazê-la de volta [...] (CRYSTAL, 2005, p.72).*

Quanto ao universo linguístico da Baixada Goitacá, vejamos o que nos diz Barcelos (op. cit., p.16),

[...]trazem à nossa memória momentos passados muitas palavras antigas, conservadas mormente pelas pessoas mais idosas, de inteligência nativa e pouco ou não-viajadas. E a criação popular é um reflexo da paisagem física e social, uma ressonância da vida rural, da agricultura, da pesca, da religião, das lendas e crenças. As formas inusitadas avivam o temperamento exuberante, as características psicológicas, os hábitos, as tradições e a maneira de ser de uma gente humilde, laboriosa, comunicativa, mas maliciosamente desconfiada.

Ao analisar atentamente as colocações do professor Álvaro Barcelos, percebemos o quão indissociável a relação da linguagem utilizada por um povo é dos aspectos sociais,

regionais e culturais que a cercam.

Um dos diferenciais da página de fãs *Campista Cabrunco* é o fato de apresentar o linguajar do povo campista de modos diversos, com publicações metalinguísticas, nas quais o foco é a própria explicitação da linguagem, mas também com a inserção da maneira de falar do campista em fragmentos textuais nas mais diferentes formas de publicação. Vejamos:

**(M6)** Siminino, pega lá meu enxugador que tá dipindurado no quartinho de banho!!!!

**(I8)** Vamos atualizar o “Campistês”???: “Badanho, pelanca de velho, etc” – Mistura para tomar café à tarde. “Batoéra” – Sabugo de milho (espiga sem os caroços) comumente usado no interior em substituição à rolha de cortiça. “Bitelo” – Algo grande (tipo: bezerro, criança, etc). “Tolemado” – Abobalhado. “Dedel” – Muito (ex.: Longe pra dedel).

**(I9)** eiiii psiuuu!!! Nascido? Criado? Visitante? Morador temporário? Amigo ou conhecido de um nativo da magnífica Cidade de Campos dos Goytacazes com certeza absoluta já ouviu ou falou do jeito Campista de se expressar... Alguém já ouviu ou falou ESTORAR ao invés de POCAR? Pq ao xingar alguém não encher a boca e soltar o bom e velho LAMPARÃO? Alguém ao passar no centro da cidade, praça São Salvador, Mercado Municipal... ouviu alguém falando: “Aí foi quando o barbante estourou...” ou “O moleque passou...” ao invés de Rompeu, Joguei Ao invés de Varejar ou Cepar!.... Cabrunco, Catiço, Lambreta, Enxugador e por aí vai. Se vc é Campista e tem orgulho da sua terra e enche a boca para falar qq pérola dessas independentes de onde esteja, Esse é o seu Lugar. EU..NASCIDA CRIADA, I AGORA VISITANTE DESSA CIDADE MARAVILHOSA... BOA TARDE MEUS CONTERRANEOS QUERIDOS!!!

**(I10)** Segue a dica:::::::::: “Fazer alguém sentir-se extremamente agoniada e/ou irritada através de atos como: 1- O atrito entre objetos que provocam ruídos agudos; 2- Situações que remetem às lembranças de momentos desconfortáveis. Qual nome dessa sensação aqui na Planície Goitacá? GASTURA!”

**(I11)** Olá Cabrunquinho!!! Passando aqui para atualizar nosso dicionário que é constantemente alterado em virtude de grande nível de evolução cultural: Aqui! – interjeição com sentido de “preste atenção”.

**(I12)** Catiço ruim entra já pra dentro, num te falei deajoje pra oce vim tomar seu banho, ande esfrega bem pra tirar esses lodos seu garrutio!! E num fica me respondenu não hein, que te dou uma cinteirada e te dexu alejado fio de uma égua!! Kkkkkk

**(I13)** ô caiauuuuu... num demora já são 2h da manhã.. vou pegar meu enxugador e minha lambreta pra tomar um banho e me arrumar pq daki a pouco o lamparao do meu marido vai querer romper La na Pelinca.. e se demorar mto akele cabrunco jah vai estar lotado!!! E ainda tenho q escolher qual roupa eu pego no guarda-vestido!

Em (M6) temos um enunciado no qual a intenção é meramente apresentar uma construção frasal tipicamente ilustrativa da forma como se fala na Baixada Campista. Esse tipo de postagem serve tanto para entreter os usuários como para chamá-los a contribuir com outras construções similares. Em uma postagem foi pedido pelo moderador que os membros da comunidade postassem frases com vocabulário tipicamente campista, tal que as quinze primeiras postagens apareceriam destacadas na página como se vê nos enunciados (I12) e (I13) — exemplos que fazem parte de uma das quinze ocorrências de uso da linguagem que foi requerida pelo moderador.

Muitas vezes as postagens surgem como uma espécie de glossário, listas de palavras, exemplificação de construções frasais publicadas pelos internautas ou pelo próprio moderador. Temos nos enunciados (I8), (I9), (I10) e (I11) exemplificações dessa natureza. Ainda quanto ao enunciado (I12), vemos alguns exemplos de vocábulos que demonstram a criatividade do povo da Baixada que cria palavras, embora respeitando as potencialidades da língua. Se tomarmos o termo “de-já-hoje”, representado na postagem por **dejaoje**, perceberemos a praticidade no emprego deste. Em vez de se empregar “momentos antes”, “hoje mais cedo” ou “ainda há pouco” — construções feitas com mais de uma palavra —, utiliza-se praticamente um termo aglutinado para expressar a mesma ideia.

Vale pontuar que, em muitas ocasiões, os internautas buscam exaltar o orgulho de ser campista como evidenciado no enunciado (I9). O uso das letras em caixa alta em “EU..NASCIDA CRIADA, I AGORA VISITANTE DESSA CIDADE MARAVILHOSA...” ilustra esse fato. A internauta busca enfatizar que se sente acolhida pela comunidade, integrada à proposta da página, e afirma suas raízes.

#### *5.4 Questões de preconceito linguístico*

No que tange ao preconceito linguístico, percebe-se também que em algumas postagens há uma tendência quanto a incitar tal prática. O fato de resgatar o linguajar comumente utilizado em uma região mais rural, um espaço notoriamente ocupado por grupos de menor prestígio social, leva ao julgamento depreciativo contra as variedades linguísticas usadas por esses falantes. Vejamos:

(I14) Amo a minha cidade e NÃO tenho vergonha do meu povo... infelizmente algumas pessoas não entendem as brincadeiras e não entendem que Campos é uma cidade muito antiga e muito rica no seu linguajar todo especial, que nos chegou através de uma herança deixada pelos nossos antepassados... para as pessoas que não entendem, procurem saber mais sobre a história da nossa cidade... CAMPOS DOS GOYTACAZES!!!

(I15) Se vcs tísigos são campistas de verdade, colocam nos cabrunquinhos

dos seus filhos os seguintes nomes: CRAUDIA, CREBY, CREIDE, CREITO, CRAUDECI, VINIÇO, GRAUBI, CRAUDINEIA, CRARICE E CRAUDENOR ou outro tismo de nome qualquer.

(I16) Oi Campista Cabrunco! Um dia desses, no ônibus indo para casa vi essa ‘pRaca’ e não resisti e tirei a foto...tem até no meu face. Se vcs observarem perceberão que o Faculdade está sem o L e o Esplana está EspRanada... UEHAUEHAUEHAUHE’ Sem mais Gúd Naite!

(I17) vocês tinham que parar de humilhar a nossa cidade.ela pode ter problemas mas toda a cidade tem,e se o povo fala errado e daí?nao é um R no lugar do L que define se a cidade é roça ou não é.

(I18) To sem sorte hj, fui rompe na ciclovia, encontrei com a nigrinha da craudia, pra variar chupanu chicrete, como se n bastasse me pegou numa conversa fiada que tava cm uma dor trevesada na boca dos istomis qui nao estava se aguentando, tava nervosa pq o adeogado disse q ela nao teria direito ao piso(pis)dela nem fts, e ja tinha colocado as joias toda no prego na caixa astronomica e as “cartela” e estavam indo a leilão e pra comprar a “fauta”de sorte, a prima caloteria pediu p/ ela tirar uns móvi nas casa bahia e naão pagou as prestação! só “matano” uma cabrunca dessa ne simina?

(I19) cabruncooooooooo...seus lamparões, é pra postar frase com gíria, e não com erro de português..afinal, os campistas são inteligentes, seus tismos! kkkkkkkkkkkkkkk

Em (I14) temos um enunciado com certo tom de indignação. O discurso utilizado concede validade à importância da página enquanto espaço de resgate da memória cultural da cidade. Além disso, a colocação do enunciatador implica em enfatizar a falta de conhecimento que leva a concepções inapropriadas acerca da imagem que se tem do povo de Campos. A página *Campista Cabrunco* não tem intenção alguma de ridicularizar, ou mesmo desprestigiar os falantes da planície Goitacá pela forma como estes utilizam a linguagem. Fato é que, como nos alerta Bagno (1999, p. 39), “qualquer manifestação linguística que escape do triângulo escola-gramática-dicionário” tende a ser considerada sob a ótica do preconceito linguístico.

Em muitas postagens, há discordância quanto à compreensão que se tem sobre o uso da língua e da gramática normativa. Na maioria dos casos, os conflitos surgem por conta das postagens acerca do rotacismo — a troca do L pelo R. Segundo Bagno (op. cit., loc. cit., grifo do autor),

na visão preconceituosa dos fenômenos da língua, a transformação de L em R nos encontros consonantais como em Cráudia, chicrete, praça, broco, pranta é tremendamente estigmatizada e às vezes é considerada até como um sinal do “atraso mental” das pessoas que falam assim. Ora, estudando cientificamente a questão, é fácil

descobrir que não estamos diante de um traço de “atraso mental” dos falantes “ignorantes” do português, mas simplesmente de um fenômeno fonético [...].

Em (I15) temos um exemplo dessa ocorrência. Percebe-se que nesse enunciado o tom utilizado na postagem é um tanto quanto zombador, pois a troca se dá, sobretudo, na pronúncia e não na escrita. Sendo assim, não seria comum alguém colocar CRAUDIA ou CREBY como nome de um filho, como sugerido pelo internauta. A mesma situação ocorre em (I16). Tem-se, claramente, a manifestação de uma chacota contra os falantes que apresentam dificuldades para pronunciar os encontros consonantais com L. Já em (I17), o enunciado sai em defesa desses falantes.

Em contrapartida, percebemos que em (I18) e (I19) há uma confusão quanto às noções de “certo” e “errado” no emprego da língua. Podemos dizer que a questão é levada para um âmbito social. Em (I18) o enunciado faz parte de uma das 15 publicações nas quais os internautas teriam que dar exemplos de construções frasais tipicamente da Baixada. No entanto, verifica-se que o enunciador manifesta um preconceito contra a fala característica desses tipos de falantes, denotando-os como pessoas não escolarizadas, usando de generalização pelo excessivo uso de construções que não fazem parte da norma culta.

Esse tipo de concepção negligencia o fato de que o “certo” e o “errado” quanto ao uso da língua não devem se sobrepor ao caráter comunicacional da linguagem. Cabe assim pontuar que, se as diferentes formas de uso da língua atendem às necessidades linguísticas das comunidades que as usam, não há porque caracterizar uma forma não padrão como errada e nem mesmo estigmatizar falares de regiões mais rurais como sendo produzidos por pessoas analfabetas.

## ***6 Considerações finais***

Em sentido amplo, a memória é a capacidade humana de reter fatos e experiências de tempos passados e retransmiti-los às novas gerações por meio de diferentes suportes (voz, música, imagem, textos, etc.). Partindo dessa perspectiva, para este trabalho, interessou-nos a noção de *memória linguística compartilhada*, por acreditarmos ser esta uma forma de permitir a reconstrução da memória linguística de modo coletivo, criando pontes de relacionamento entre os indivíduos que fazem parte de interações comunicativas em comunidades virtuais. Além disso, podemos pontuar que as comunidades virtuais desempenham um papel fundamental quanto a fomentar debates e discussões que possibilitam a formação de uma consciência crítico-reflexiva, pois “exploram novas formas de opinião pública” (LÉVY, 1999, p. 131).

Objetivou-se, assim, investigar a página de fãs do *Facebook*, *Campista Cabrunco*, por acreditarmos ser ela um lócus virtual propício ao resgate e à documentação de

expressões linguísticas tipicamente encontradas na Planície Goitacá — uma forma de manter viva e passar adiante a memória linguística e histórico-cultural de gerações passadas por meio do ciberespaço.

Percebemos, através das postagens selecionadas para análise, que a comunidade virtual em questão concede aos seus membros a possibilidade de valorizar a herança cultural de seus antepassados, por meio da recuperação de falares característicos da Baixada, que evidenciam os traços ideológicos de um povo cujo universo linguístico é bastante criativo. Como bem salientado por Barcelos (1992, p.45), “de todas as regiões de Campos, é a Baixada a que apresenta maior riqueza linguística, pela criatividade de seus falantes, que inventam palavras, mas sempre de acordo com as potencialidades da língua”.

A página abre espaço para explanações sobre aspectos histórico-culturais da cidade de Campos, fazendo uso, quase sempre, de um linguajar característico do povo da planície, o que leva, muitas vezes, ao preconceito linguístico — uma prática bastante comum, fruto da ignorância. Nesse aspecto, vale lembrar que o português, assim como qualquer outra língua, pode facilmente se apresentar de formas diferentes em determinadas ocasiões, dependendo da situação comunicativa na qual o falante se encontra. Essa diferença pode manifestar-se tanto em termos do vocabulário usado como no que se refere à pronúncia, à morfologia e à sintaxe, fato perfeitamente natural já que a língua não é um sistema invariável e imutável no espaço e no tempo. Ao contrário, a língua é um sistema dinâmico e extremamente sensível a fatores como a região geográfica, a classe social dos falantes, a idade, o grau de formalidade do contexto, entre outros. Portanto, práticas que visem a desprestigiar qualquer forma de ocorrência de variedades linguísticas devem ser veementemente repudiadas.

Por fim, esperamos que os instrumentos utilizados para analisar os dados deste trabalho, bem como as colocações feitas venham contribuir para que outras pesquisas sejam feitas no que diz respeito à constatação de que o ciberespaço atua como uma “ferramenta” de documentação e recuperação de aspectos linguísticos relevantes que cooperam para o resgate e a solidificação da herança cultural de uma comunidade de fala.

### *Referências*

- ANTUNES, I. *Língua, texto e ensino: outra escola possível*. São Paulo: Parábola, 2009.
- BAGNO, M. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 1999.
- BARCELOS, A. *A Linguagem da Baixada Goitacá*. Rio de Janeiro: Lucerna, 1992.
- CALVET, L. J. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola, 2002.
- CAMPISTICIDADE. *Folha da Manhã*, Campos dos Goytacazes, 07 set. 2007. Folha Dois, p. 1-2.
- CRYSTAL, D. *A revolução da linguagem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008.

LÉVY, P. *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 1999.

OURIVES, P. *Reminiscências Culturais dos Aceiros de Cana da Baixada Campista*. Disponível em: <<http://pauloaurivesnipecreminiscencias.blogspot.com.br>>. Acesso em: 10 fev. 2013.

PAIVA, M. C. Transcrição de dados linguísticos. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2012.

SOUZA, C. F. Memes: formações discursivas que ecoam no ciberespaço. *VÉRTICES*, Campos dos Goytacazes/ RJ, v.15, n. 1, p. 127-148, jan./abr. 2013.

VON SIMSON, O. R. M. Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento: Augusto Guzzo. *Revista Acadêmica*, São Paulo, n.º6, p. 14-18, maio 2003.

*Artigo recebido em: 21 nov. 2013*  
*Aceito para publicação em: 6 fev. 2015*